

Nietzsche, filósofo da suspeita



Por SCARLETT MARTON*

Trecho do livro recém-lançado

Nietzsche e suas provocações

Conhecido sobretudo por filosofar a golpes de martelo, desafiar normas e destruir ídolos, este pensador, um dos mais controvertidos de nosso tempo, deixou uma obra polêmica que continua no centro do debate filosófico.

Mas não é apenas aos acadêmicos e estudiosos de filosofia que Nietzsche se dirige. Ele vem pôr em questão nossa maneira de pensar, agir e sentir. Desestabiliza nossa lógica, nosso modo habitual de pensar, quando tenta implodir os dualismos, fazendo ver que, ao contrário do que julgamos, a verdade não é necessariamente o oposto do erro.

Desafia nosso modo costumeiro de agir, quando critica de forma contundente os valores que entre nós ainda vigem, mostrando que, ao contrário do que supomos, o bem nem sempre contribui para o prosperar da humanidade e o mal, para a sua degeneração. Provoca nosso modo usual de sentir, quando ataca com determinação a religião cristã e a moral do ressentimento, tornando evidente que, ao contrário do que acreditamos, nós, seres humanos, nada temos de divino.

Nietzsche, filósofo da suspeita, convida o leitor a pôr continuamente em causa seus preconceitos, crenças e convicções. Não é por acaso que sua obra será desacreditada, distorcida, deturpada – por ingenuidade ou má-fé.

Nenhum outro pensador suscitou, tanto pela sua vida quanto pelas suas ideias, tanto interesse e curiosidade. Antes de tudo, Nietzsche não queria ser confundido. Para sua surpresa e horror, tanto antisemitas quanto anarquistas se diziam seus adeptos. Ao longo de décadas, ele será evocado por socialistas, nazistas e fascistas, cristãos, judeus e ateus. Pensadores e literatos, jornalistas e homens políticos terão nele um ponto de referência, atacando ou defendendo suas ideias, reivindicando ou exorcizando seu pensamento. Dessa perspectiva, quem julgou compreendê-lo equivocou-se a seu respeito; quem não o compreendeu julgou-o equivocado.

Com os anos, começaram a surgir as mais diversas interpretações da filosofia de Nietzsche. E os que se ocuparam com os seus escritos não cessaram de divergir. Alguns fizeram dele o precursor do nazismo e outros, um pensador dos mais revolucionários. Alguns o encararam como o defensor do ateísmo e outros, como um cristão ressentido. Há os que o consideraram o crítico da ideologia, no sentido marxista da palavra, e os que o viram como o inspirador da psicanálise. Há os que o tomaram por arauto do irracionalismo e os que o perceberam como o fundador de uma nova seita, o guru dos tempos modernos.

E multiplicaram-se as interpretações de suas ideias. Alguns tentaram esclarecer os textos partindo de uma abordagem

psicológica. Entendiam as possíveis contradições neles presentes como manifestação de conflitos pessoais; percebiam suas ideias como uma “biografia involuntária de sua alma”; compreendiam, em particular, sua concepção de além-do-homem como fruto de uma “filosofia de temperamento”.

Outros, apoiando-se na psicanálise, diagnosticaram seu pensamento como expressão de uma personalidade neurótica. Encaravam a concepção de vontade de potência como tradução filosófica do jogo de seus mecanismos inconscientes; relacionavam esse mesmo conceito com seu sentimento de inferioridade; tomavam as teses da morte de Deus e do surgimento do além-do-homem como o ponto de chegada de um processo que remontava às origens da consciência moderna.

Seus escritos repercutiram nas áreas mais diversas: na literatura, nas artes, na psicanálise, na política, na filosofia. Seus textos causaram impacto não apenas na Alemanha ou mesmo na Europa; eles marcaram as experiências de sucessivas gerações do mundo ocidental.

Nietzsche, filósofo da suspeita convida o leitor a questionar-se sem cessar. E por que não levar a sério o convite que ele nos faz e colocar sob suspeita as crenças, convicções e preconceitos que temos a respeito dele mesmo? Esse é precisamente o propósito deste livro.

Escritor entre tantos?

Na tentativa de desqualificar sua reflexão, durante muito tempo consideraram Nietzsche literato, poeta ou, quando muito, poeta-filósofo. Em setembro de 1888, ele começou a ser reconhecido. Alguns meses antes de sofrer o colapso psíquico em Turim, Georg Brandes relatava-lhe o sucesso das conferências sobre sua filosofia na Universidade de Copenhague; August Strindberg participava-lhe a emoção causada pela virulência de suas palavras e coragem de suas ideias. De São Petersburgo e de Nova Iorque, chegavam às suas mãos as primeiras cartas de admiradores. Com o fim da vida intelectual, veio a fama. Então, foi acima de tudo sua biografia e seu estilo que despertaram interesse.

No início do século XX, a influência do filósofo exercia-se muito mais na literatura do que em qualquer outro campo. Nele se inspiraram não só autores naturalistas e expressionistas alemães menos conhecidos, como escritores de renome: Stefan George, Thomas Mann e, depois, Robert Musil e Hermann Hesse. Muitos partiam do princípio de que Nietzsche não tinha elaborado um programa, mas criado uma atmosfera: o importante era respirar o ar de seus escritos.

Fascinados por sua linguagem, nele redescobriam a sonoridade pura e cristalina das palavras, a correspondência exata entre nuances de sons e sentidos, a nova perfeição da língua alemã. Viam-no, sobretudo, como um fino estilista, deixando de lado o confronto com seu pensamento.

É fato que suas metáforas, parábolas e aforismos exerceram uma atração tal que dificultou o contato com suas ideias. Também é fato que, nas últimas décadas, apareceram estudos relevantes sobre o seu estilo.^[1] Mas, a partir daí, começaram a proliferar textos estilísticos de caráter diverso; com frequência, abandonam quase por completo o exame das ideias do filósofo. Alguns limitam-se a analisar figuras literárias presentes em seus escritos; outros restringem-se a compará-los com os de diferentes escritores.

O que esperar, hoje, de um estudo que trate do estilo de Nietzsche? A meu ver o que ainda está por fazer é explorar o vínculo indissolúvel entre o conteúdo filosófico e as formas estilísticas presentes em seus livros.

***Scarlett Marton** é professora titular aposentada do departamento de filosofia da USP. Autora, entre outros livros, de Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos (Editora UFMG).

Referência

Scarlett Marton. *Nietzsche, filósofo da suspeita*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, Coleção Ensaios, 2024, 142 págs. [<https://amzn.to/3VFX2o0>]



Nota

[1] Basta lembrar a obra de Alexander Nehamas que tem por título *Nietzsche, life as literature* (Harvard: Harvard University Press, 1985); em francês, *Nietzsche, la vie comme littérature* (Trad. Véronique Béghain. Paris: PUF, 1994); em espanhol, *Nietzsche, la vida como literatura* (Trad. Ramón García Rodriguez. México: Editorial Turner, 2002).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)